



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES-(IH)
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES-(BHU)**

SIMÃO DAVID NGOMBO

**MEMÓRIA E VIVÊNCIA DE UM JOVEM BAKONGO DE ANGOLA: UM ESTUDO
INTERDISCIPLINAR SOBRE ETNICIDADE E CULTURA**

ACARAPE- CE

2023

SIMÃO DAVID NGOMBO

**MEMÓRIA E VIVÊNCIA DE UM JOVEM BAKONGO DE ANGOLA: UM ESTUDO
INTERDISCIPLINAR SOBRE ETNICIDADE E CULTURA**

Trabalho de conclusão do curso em formato de projeto de pesquisa do curso de Bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, com requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Vera Rodrigues

ACARAPE- CE

2023

SIMÃO DAVID NGOMBO

**MEMÓRIA E VIVÊNCIA DE UM JOVEM BAKONGO DE ANGOLA: UM ESTUDO
INTERDISCIPLINAR SOBRE ETNICIDADE E CULTURA**

Trabalho de conclusão do curso em formato de projeto de pesquisa do curso de Bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, com requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 16 / 11 / 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Vera Rodrigues (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB.

Prof.^a Dr.^a Denise da Costa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Mestrando Diakenga Lucas Victor

Instituto Universitário de Lisboa- ISCTE

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu pai (*In memoria*).

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, faço meus votos renovados de agradecimento para minha querida mãe a senhora Albertina David, por tudo que tem feito por mim e por ter mim dado a oportunidade de ver e vir ao mundo, e por ter sempre cuidado de mim e estar comigo mesmo neste período em que mim encontro distante de casa, também agradeço por ela estar sempre comigo em todos os momentos da minha vida desde quando eu um feto e agora homem que sou agora agradeço por tudo querida mãe.

Agradeço também para os meus pais Afonso Ngombo e Fernando João Massanda, pelo apoio incondicional que a mim têm dado aos conselhos dados que hoje fazem efeito na minha vida pessoal como também acadêmica, agradeço por terem sempre acreditado em mim e nas minhas capacidades.

De um modo geral, agradeço a todos meus familiares que de forma direita ou indireta mim apoiaram e contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico e social, e por nunca terem se cansado de me dar conselhos sábios que os carregos comigo.

Também agradeço aos meus amigos que sempre mim encorajaram a não desistir do curso e ajudaram-me haver o meu potencial enquanto acadêmico.

Não poderia fechar os meus agradecimentos sem antes agradecer a minha querida Orientado Dr. Vera Rodrigues, por ter aceite o meu convite de orientação, e trabalhado de forma incondicional comigo para que esse momento se torna-se realidade, e pelo apoio, conselhos e por também acreditar no meu potencial enquanto estudante, durante este período de orientação agradeço por tudo minha querida orientadora mãe da academia e para vida toda.

Também agradeço ao nosso Nzambe (Deus), vivo pela proteção espiritual e folego de vida que tem me dado todos dias, por estar sempre comigo em todos os momentos da minha vida e por mim conceder essa benção grande na minha vida e dos meus familiares.

Agradeço a todo corpo docente da UNILAB, pelas metodologias diferentes de didáticas de ensino, que ajudaram e contribuíram e enriqueceram os meus conhecimentos acadêmicos, também agradeço ao instituto de humanidades IH, e a coordenação do BHU.

Votos renovados de agradecimentos aos meus dois grandes irmãos mais velhos que o seio acadêmico me proporcionou, durante o processo todo de graduação, Manuel Nambua e José Mussunda, pelas críticas sugestão que serviram de aprimoramento no trabalho e pelos aprendizados de vida que ajudarão no processo acadêmico e profissional.

“Kayko kayko, kaya ngani kaya ngani”

O que é seu, é seu, do outro é doutro.

Provérbio em Kicongo

RESUMO

O presente projeto intitulado “Memória e Vivência de um Jovem Bakongo de Angola: um estudo interdisciplinar sobre etnicidade e cultura” vai abordar sobre o processo de construção da minha identidade, a partir da minha memória cultural como um jovem Mukongo da etnia Bakongo de Angola, ligado à minhas experiências e vivências do passado e do meu presente, bem como o processo de afirmação dos Bakongo em Luanda. Essas memórias que ajudam na preservação e construção da identidade cultural do meu grupo étnico, tanto no ponto de vista religioso, político, social, e econômico, como também buscam compreender e analisar a complexidade existente em torno da construção do processo de socialização presentes nos vários grupos étnicos em Angola. O presente projeto de pesquisa tem como objetivo primordial refletir as narrativas em torno da construção da identidade e memória cultural do jovem Mukongo de Angola, especificamente no processo de educação e preservação dos valores tradicionais culturais e históricos da nossa ancestralidade étnica.

Palavras-chave: Etnia Bakongo, Etnicidade e Cultural, Identidade, Sociedade Angola.

RÉSUMÉ

Ce projet intitulé « Mémoire et expérience d'un jeune Bakongo d'Angola; Une étude interdisciplinaire sur l'ethnicité et la culture » abordera le processus de construction de mon identité, basé sur ma mémoire culturelle de jeune Mukongo du groupe ethnique Bakongo d'Angola, liée à mes expériences passées et présentes, ainsi que le processus d'affirmation de mon identité. les Bakongo à Luanda. Ces mémoires qui contribuent à la préservation et à la construction de l'identité culturelle de mon groupe ethnique, tant du point de vue religieux, politique, social et économique, qu'en cherchant à comprendre et à analyser la complexité qui existe autour de la construction du processus de socialisation présent dans les différents groupes ethniques en Angola. L'objectif principal de ce projet de recherche est de refléter les récits entourant la construction de l'identité et de la mémoire culturelle des jeunes Mukongo d'Angola, en particulier dans le processus d'éducation et de préservation des valeurs culturelles et historiques traditionnelles de notre ascendance ethnique.

Mot clé: Ethnie Bakongo, Origine ethnique et culturelle, Identité, Société angolaise.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ANGOP	Agência Angola Press
CRA	Constituição da República de Angola
FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
INE	Instituto Nacional de Estatística
RDC	República Democrática do Congo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
UNITA	União Nacional para Independência Total de Angola
ISPOCA	Instituto superior politécnico do Cazenga

LISTA DE SIGLAS

Figura 1: Mapa: Divisão administrativa do território Angolano	13
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Contextualização Geográfica do Território Angolano	12
2 JUSTIFICATIVA	14
3 DELIMITAÇÃO\PROBLEMA DE PESQUISA	15
4 HIPÓTESES	15
5 OBJETIVOS	15
5.1 Objetivos gerais	15
5.2 Objetivos específicos.....	16
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
6.1 Memória e Vivência.....	19
6.2 Identidade: Etnia Bakongo	25
6.3 Contextualização Cultural Histórica dos Bakongo de Angola	28
7 METODOLOGIA	34
REFERÊNCIAS	37
CRONOGRAMA:	39

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto de pesquisa visa abordar as memórias e vivências de um indivíduo Bakongo de Angola, bem como o processo de formação e construção da sua identidade cultural baseados nas suas experiências de vida. Nesse sentido, a escolha de abordagem desta temática se dá pela foto das experiências particulares, coletivas e observações do autor naquela cidade de (Luanda). Por ser membro da etnia em questão e protagonista de suas memórias e vivências, trago argumentos narrativas que servirão de auxílio para a realização desta pesquisa.

Durante a produção da escrita consultei vários autores e pesquisadores que ajudaram na compreensão e interpretação da construção da memória identitária e cultural de um indivíduo, uma sociedade ou grupo étnico, conforme assevera o professor congolês e pesquisador Kabengele Munanga, no seu livro “Negritude Usos e Sentidos, que trata sobre a questão da identidade do homem negro no Brasil, o racismo dentro da sociedade Brasileira em relação ao homens negro, e o lugar do negro na sociedade brasileira.

O autor entende que a construção da identidade cultural de uma sociedade, grupo étnico ou indivíduo é necessário compreender a complexidade que existe nas diversas culturas dos grupos ou raças, e as suas relações sociais, assim como a essencialidade da construção da identidade de uma personalidade coletiva ou individual baseado no fator histórico, político, cultural e social.

Partindo das experiências da convivência reflito, sobre as relações sociais dos grupos étnicos em Angola, pois a constituição de Angola descreve que A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, à capacidade civil, à nacionalidade, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra e à reserva de intimidade da vida privada e familiar (Angola, 2010).

1.1 Contextualização geográfica do território Angolano

Angola, é um país da região austral do continente africano, que tem uma superfície de 1.246.700 km². o território encontra-se situado na África central da costa ocidental, faz fronteira ao norte com a República Democrática do Congo (RDC), ao sul com a Namíbia, ao leste com a Zâmbia e ao oeste com o Oceano Atlântico (Wheeler, 2009). Administrativamente, o território angolano é organizado em províncias e estas em municípios e comunas (ANGOLA, 2010). No entanto, Angola tem dezoito (18) províncias, 164 municípios e estes, por sua vez, perfazendo 554 comunas.

Segundo Bembe (2010, p. 31) Angola, apresenta espaços “etno-sociológicos ou socioculturais”. Estes espaços, apresentam diferentes níveis linguísticos, de densidade populacional, de desenvolvimento e integração política, econômica, cultural e social.

Figura 1: **Mapa:** Divisão administrativa do território Angolano



Fonte : derrickangola.blogspot.com.

O território Angolano possui uma sociedade de pluralidade e complexo, com uma diversidade de grupos étnicos e culturas espalhadas nos espaços sociais do país, sendo que a capital Luanda é o palco que alberga todas estas diversidades culturais vinda de todos os cantos do território angolano. O país é composto por vários grupos etnolinguísticos nos quais destacamos os seguintes: os Bakongo, os Quimbundo, os Ovimbundu, os Lunda- quioco, os Nanguela, os Nyaneka-humbe, os Herero e os Ambo (Wheeler, 2009).

Os Bakongo de Angola são um grupo etnolinguístico que se originaram do povo banto, e encontram-se localizados no extremo norte e noroeste do país nas províncias de Cabinda, Uíge e Zaire, e espalhados em outros territórios do país. O kikongo é a língua cultural e tradicional falada por este grupo étnico antes do regime colonial português ter imposto em todas suas coloniais a obrigação da fala da língua portuguesa.

2 JUSTIFICATIVA

Diante dos cenários e dos fatores pejorativos que são colocados em relação a compreensão das memórias e vivências culturais do jovem Bakongo na sociedade angolana, instigou-nos em estudar e problematizar estes fenômenos de modo que se tenha outros olhares identitário. Partindo desse pressuposto, sabe-se que a construção da identidade da memória cultural dos povos africanos é um processo complexo e multifacetado que tem raízes profundas na história, cultura, tradições, experiências e interações dessas comunidades africanas ao longo do tempo.

Sendo assim, o interesse em pesquisar a temática memória e vivência de um jovem Bakongo de Angola, surgiu após algumas reflexões memóricas vivenciadas de forma coletiva ou particular, do meu passado e presente, bem como algumas observações e envolvimento direto e indireto com pessoas do meu grupo étnico. Ao analisar os desafios que eu enfrentei nas relações sociais em Luanda a capital do país e as narrativas históricas controversas que a mim eram contadas sobre a realidade do grupo étnico na qual faço parte, isso trouxe-me uma motivação pessoal para desconstruir todas as narrativas históricas negativas que eram e são associados até os dias de hoje de forma estereotipada, preconceituosa e estigmatizada sobre a realidade histórica do meu grupo étnico, que ao longo dos tempos foram construídas, por pessoas de outros grupos étnico existente no país.

Face às minhas experiências achei necessário fazer um estudo social de campo para trazer algumas realidades de conflitos que os povos bakongo enfrentam em Angola. A pesquisa visa contribuir para sociedade, pois quiçá ajudará no entendimento sobre a construção da identidade histórica e cultural bem como os métodos ou mecanismos utilizados pelos pais Bakongo para instruir seus filhos como lidar com os desafios que enfrentaram nas suas relações sociais na tentativa preservar as suas memórias culturais, numa sociedade multicultural e complexa.

O estudo aparenta ser importante porque traz reflexões acerca das identidades dos grupos culturais africanas, sobretudo em Angola onde o grupo étnico Bakongo passa por esses desafios da desigualdade cultural, sendo o terceiro maior grupo etnolinguístico de Angola, também nos faz compreender sobre as relações etno-sócio e raciais existentes no território angolano. , assim, a pesquisa nos fará compreender sobre a questão da prevenção e salvaguarda dos valores culturais, crenças da ancestralidade que são transmitidos pelos pais Bakongo aos filhos como forma de manter a tradição do ensinamento de geração a geração, e manter viva a culturalidade do grupo.

Em suma acreditamos que esse projeto de pesquisa possui uma relevância acadêmica, pois as narrativas do estudo podem contribuir nas futuras pesquisas a respeito deste público alvo, grupo Bakongo e criar possibilidades para as novas reflexões das identidades culturais tradicionais e ancestrais que foram apagadas historicamente pelos colonizadores.

3 DELIMITAÇÃO\PROBLEMA DE PESQUISA

- Como é que as memórias e vivências culturais históricas transmitidas acerca dos Bakongo regressado em Angola-Luanda, tem ajudado na construção das identidades sociais dos jovens Mukongo de Luanda?
- Como é que a globalização tem influenciado na perda dos valores culturais identitários dos jovens Bakongo Angolanos?

4 HIPÓTESES

Os estudos em torno da construção da identidade cultural dos povos africanos, tem sido uma constante situações de debates controversos no meio dos acadêmicos africanos, sejam elas dentro e fora do continente.

- **H1.** A cultura é um sistema simbólico, modelador da consciência humana, portanto a língua kikongo para os Bakongo de Angola tem sido um elemento fundamental de identificação do comportamento identitário dos seus membros na sociedade Angolana.
- **H2.** Globalização, transforma as sociedades através da tecnologia que tem sido um dos elementos dificultador na sociedade Bakongo para o equilíbrio da manutenção e preservação das suas culturas e identidade sobretudo na sociedade mais jovem.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivos gerais

- Analisar: A memória e vivência de um jovem Bakongo de Angola, considerando suas experiências individuais e coletivas a partir da dimensão da etnicidade e cultura.

5.2 Objetivos específicos

- Descrever: As memórias individuais do jovem Bakongo de Angola (Luanda), considerando a sua etnicidade, cultura e identidade.
- Apontar: As práticas culturais presentes na formação da memória e identidade de um jovem Bakongo.
- Identificar: Os desafios enfrentados pelos jovens Bakongo angolanos, na preservação de sua memória, cultura e identidade em um contexto globalizado.

6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A memória é algo que não se apaga, é a partir desse pressuposto que Corroboramos com Le Goff (1990) ao afirmar que “[...] a memória é como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990. p. 366). Na visão do autor, é a partir do conjunto das informações adquiridas e armazenadas na memória de um sujeito ou grupo social que conseguimos resgatar do passado histórico de vida, e fazer uma ligação entre as lembranças do passado para representação do presente.

Sendo que no ponto de vista do Chauí (2000), a memória é a responsável pela aquisição e reconstrução ou armazenamento de todas e quaisquer lembranças do passado e diferenciar-se com o presente por causa do tempo de convivências que as separa de uma forma compreendida que o indivíduo possa preservar até ao futuro. Deste modo, podemos compreender que a memória é algo que vive no passado, isso pode ser de longo ou curto tempo.

Lara (2016), define que a memória pode ser entendida popularmente como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, parte de processos de interação de cada indivíduo com seu meio. Na perspectiva de Le Goff, a memória é resultado do conjunto coletivos ou individuais das experiências compartilhados pelos indivíduos na sociedade, onde as suas características coletivas ou individuais partilhadas são elementos significativos para reconstrução da sua identidade memorial histórica (Le Goff, 2013, p. 435).

Partindo deste quesito de análise do autor, podemos compreender que a construção da memória de um sujeito (ou indivíduo Bakongo), é uma consequência que resulta das trocas de experiências de caráter coletivo, comum ou individual que ele estabelece dentro das relações sociais que vão dar sentido e significado a suas lembranças do passado presentes na sua história de vida. Halbwachs (2006), destaca que a memória é formada através dos padrões sociais dentro das estruturas sociais de modo coletivo ou mesmo individual, mas que cabe apenas ao indivíduo recordar os factos sociais vividos no seu passado, que são presentes na formação das suas lembranças que constituem a sua memória.

Deste modo, vamos trazer para o nosso trabalho um pouco da experiência vivida pelo autor, sendo ele um jovem Mukongo que a sua memória foi constituída através das suas lembranças por meio dos fatores externos a ele de caráter coletivo. No começo do ano de 2003, a família encontrava se agregadamente bem constituída com todos os membros de casa, já no começo do mesmo ano entre o mês de março e maio a família teve um grande choque emocional que foi dado através do passamento físico da avó paterna, esse acontecimento mexeu com a estrutura emocional da família.

Por conseguinte, o episódio me abalou bastante, porque se tratava da pessoa que cuidava de mim desde cedo, após a separação dos pais. Esse marco histórico passou a se constituir em uma lembrança para que ficaram retidas na memória até os dias atuais. Assim, trouxemos estas lembranças baseando no conceito de formação da memória dado por (Halbwachs, 2006), que considera ser as memórias que representam os conjuntos de caracteres marcados pela coletividade dos fenômenos sociais que recompõem a constituição do passado dos seres humanos e atualiza o seu presente.

As lembranças fazem parte da vida coletiva dos indivíduos com destaca HALBWACHS (2006),

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2006, p. 30).

O autor traz perspectivas de que as lembranças são responsáveis pela reconstrução do passado vivido por um indivíduo, e também são encarregadas de trazer o passado histórico de uma comunidade, grupo ou pessoa para serem atualizadas no seu presente. Neste sentido, podemos compreender que as lembranças se constituem em um dos elementos fundamentais na vida do indivíduo para construção da sua memória.

O autor Candau (2018), traz outra perspectiva sobre a memória, descrevendo que é um conjunto organizado de ações praticadas ou exercidas por um indivíduo nos espaços coletivos ou individuais. Ele analisa que a memória é um meio de restauração das identidades dos indivíduos ou grupos sociais dentro das características coletivas sociais do passado do indivíduo. Na perspectiva do autor a memória pode se entender também como sendo um fenômeno por causa da grandiosidade e capacidade de armazenar fatos de tempos passados que a mudança de local ou a soma de idade não consegue apagar das mentes dos indivíduos. Como aponta Simone (2011, p. 9), o “[...] fenômeno da memória em si, pode ser entendido como capacidade do indivíduo de guardar seletivamente certas informações fazendo uso de funções psíquicas e cerebrais e cognitivas. As pessoas fazem uso de sua memória o tempo todo”.

Para se chegar à memória, existem alguns pressupostos de concentração que é indispensável ao indivíduo, isto é, o esforço psicoemocional; a consciência sã e saudável é o momento de tranquilidade para que tenhamos uma lembrança exitosa. Essa lembrança que me direciona, refere-se à memória histórica dos momentos de vivências dentro na etnia Bakongo em Angola, que são vividas e transmitidas para os seus membros ao longo do tempo de geração a geração através da tradição oral da ancestralidade. Na perspectiva de passar à memória cultural ou ensinamento histórica da ancestralidade Gusmão afirma:

A memória é o caminho pelo qual os grupos percorrem os espaços da vida e constroem imagem de si e da terra particular, no tempo (...). O mundo camponês, como universo próprio de coisas e signos, práticas e rituais, públicos e privados, individuais e coletivos, tem a oralidade como forma de preservação e sustentação desse mundo e busca nela os instrumentos de sua luta (Gusmão, 1995, p.71).

A memória de um jovem Mukongo pertencente a etnia Bakongo, resulta de um processo que é construído socialmente através dos fatores internos e externos que o rodeiam e marcam a transição da sua passagem da adolescência até a fase adulta, enquanto integrante do grupo social Bakongo de Angola, influenciado de forma direta ou indireta pelos elementos coletivos e individual de experiência.

A memória é constituída por dois elementos, como individual ou coletivo, onde os acontecimentos e vivências pessoais de um indivíduo constitui parte da sua memória individual, e os acontecimentos coletivos passam pelas experiências que o indivíduo vive junto do grupo que pertence, onde as experiências partilhadas de forma coletiva fazem parte da sua memória coletiva (Pollak, 1992, p. 207).

Em concordância com o autor, sabe-se que é por intermédio dos fatores de experiência coletivas ou individuais que o sujeito consegue dar sustentabilidade na construção da sua

memória. Gusmão (1995), descreve a memória como sendo o meio ou espaço estratégico onde os grupos sociais, constroem as suas identidades próprias a partir dos signos simbólicos comum compartilhados e os rodeiam nas suas práticas ritualísticas como costumes, e outros elementos coletivos ou individuais (Gusmão, 1995, p71).

Partindo, da compreensão do autor podemos ver que processo de socialização e aculturação para construção da memória coletiva ou individual na etnia Bakongo, parte principalmente dos elementos simbólicos associados à sua identidade que marcam os costumes, crenças, cultura e os valores comuns compartilhados entre os indivíduos da etnia, que têm se tornado num elemento importante na preservação dos ensinamentos dos valores culturais, simbólicos, religiosos, que são armazenados na memória coletiva do grupo, e posteriormente resgatados para as futuras gerações.

O capítulo a seguir vai abordar relativamente à construção da memória identidade do jovem Mukongo da etnia Bakongo de Angola, a partir da experiência da sua trajetória de vida em alguns locais de Angola, sobretudo em Luanda onde ele nasceu (relatando a sua experiência de vida).

6.1 Memória e vivência

Stuart Hall, no seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade*, descreve que as memórias culturais nacionais de um povo, indivíduo se fundamentam como um dos elementos principais para construção das suas identidades enquanto integrantes de grupo social, ou indivíduos socialmente coletivos (Hall, 2011). Na perspectiva de Halbwachs, a memória é um elemento fundamental para construção da identidade de um indivíduo ou grupo social.

É do conhecimento geral que a experiência é resulta de um conjunto organizado de acontecimento práticos, coletivos e individuais em volta da vida social de um indivíduo ou grupo, que são atravessados por um percurso histórico vivido de uma forma temporal que são determinados pelo tempo e espaço, estas experiências não são de carácter biológico do homem, mas sim de acúmulos adquiridos (Schwartz, 2010).

Simão David Ngombo¹ é o meu nome, sendo que (Ngombo), é o nome social, nacionalidade angolana, nascido na cidade Luanda aos 10 de outubro de 1998, no município do

¹ Ngombo é um nome de identificação cultural da etnia Kongo do continente Africano da linhagem Banto (ou etnia Bakongo de Angola da zona norte, província do Uíge), que no ponto de vista de interpretação cultural, simbólica e social significa pessoa rica.

Cazenga. Faço parte de uma família alargada ²e também cristã desde os membros paterno e materna. A maior parte são natural da província do Uíge, com exceção de alguns tios e tias da parte paterna como também materna que nasceram na província de Luanda. O sociólogo britânico-jamaicano Hall no seu livro *Identidade cultural na pós-modernidade* (2011), entende que as identidades culturais nacionais são aquelas onde o indivíduo nasce se constitui em fonte primária para constituição e construção da sua identidade.

Fui criado pelos meus avós paternos junto dos meus tios e tias numa casa de três cômodo e uma cozinha, no município do Cazenga, distrito urbano do kalawenda, por causa da separação dos meus pais. Antes separação dos pais ocorreu antes de eu completar um (1) ano de idade vivíamos em uma casa composta por (5), homens (3), mulheres totalizando 8 pessoas, sendo que os meus avós e uma das minhas tias eram os únicos que garantia a sustentabilidade de casa, com exceção do meu pai que também contribuía para manutenção das despesas. Por conta da minha trajetória de vida adquiri a mesma formação educacional que os meus avós, passavam para os meus tios e tias partindo de uma base de princípios educacionais religiosos e espírito de solidariedade e afecção, bem como os costumes culturais simbólicos de identificação da nossa etnia que é algo que tem nos marcados fortemente como Bakongo.

Partindo deste pressuposto de identificação Pereira (2008, p.38), afirma o seguinte:

A dupla herança do jovem bakongo parece ser ao mesmo tempo um desafio para a manutenção dos aspectos que o identificam a vida cultural Kongo e, ao mesmo tempo, tem a potencialidade de repor a vitalidade desta mesma cultura, caracterizada pela capacidade de renovação e assimilação de característica de outras culturas.

Nos meados de 2005 a 2006 comecei a frequentar a igreja por intermédio da minha avó paterna que passou a levar-me aos cultos todos os domingos de manhã na igreja denominada Reforma de Angola (IRA). Desde cedo os meus avós e tios me ensinaram os hábitos e costumes os desta seita religiosa na qual a minha avó assumia um cargo de pastora.

Pereira (2008), descreve sobre a importância das identidades religiosas na sociedade angolana, sobretudo dentro da etnia bakongo onde a autora aponta que as igrejas pentecostais de matriz Kongo, têm assumido um papel fundamental na construção e constituição da identidade cultural nacional dos povos bakongo de Angola, e isso tornou-se também um método de identificação que diferencia os bakongo de outros povos culturais de Angola.

² - o contexto aqui mencionado de família alargada refere-se a uma família grande constituída por um número elevado de pessoas, onde entramos os pais, avós, tios, primos/as e outros tipos de relações de parentesco.

Presencie conflitos entre meus tios e tias com vizinhos que pertenciam a outras etnias de Angola, tudo porque eles nos viam como impostores de terra, estrangeiros e indivíduos pertencentes a RDC³, porque o bairro também era habitado maioritariamente por pessoas das províncias de Malange, Catete e Kwanza Norte. As outras famílias não permitiam que os seus filhos frequentassem a nossa residência, alegando que a casa era de pessoas malfeitores e que comiam crianças. Alguns dos meus tios não conseguiam ter boas relações sociais na escola por serem Bakongo, havia bullying e discriminação em todos os lados e até nos mercados de trabalho não lhes era favorável pela mesma condição de ser integrante da etnia Bakongo, mas no meio de tudo isso eles conseguiram alcançar seus objetivos.

Em diversas vezes tive crise de identidade cultural, pois diversas vezes negava a etnia Bakongo, por conta de um pensamento e sentimento de inferioridade em relação aos outros, e também por achar que a nossa cultura era inferior às demais culturas nacionais de Angola. Acredita-se mormente que as influências externas de outras pessoas me faziam sentir-se inferior e que para eu ser aceite ou ser considerado angolano, ou considerado um ser superior eu tinha que renegar as minhas origens como bakongo, coisa que eu já cheguei a fazer muitas vezes sobretudo na escola e nas equipas de futebol onde eu passei durante este período conturbado.

No começo do ano de 2006, comecei a frequentar o ensino de base⁴, numa escola de explicação com característica de colégio privado, no meu bairro. Junto dos meus amigos de infância, tínhamos como professor o nosso vizinho do bairro, nesta altura eu ainda se encontrava sobre a tutela do meu avô e tios que tomava conta de mim, esta foi a minha primeira experiência escolar antes de eu ir viver com o irmão do meu pai ano de 2007.

No ano citado fui viver com irmão do meu pai e a sua família no bairro da Mabor, um dos bairros periféricos de Luanda. Esntado dentro dessa nova realidade social, não consegui me enquadrar por conta da dificuldade com a compreensão linguística da língua Lingala que eles usam/usavam-no seu dia-a-dia. A língua falada é majoritariamente falada pelos Congolês, mas em Angola há um bom número de falante e, isso dificultou muito a minha adaptação e até mesmo na interação social com os outros meninos e jovens fora do meu seio familiar. A língua portuguesa era pouco usada entre os falantes dessa zona, passando algum tempo fui me adaptando e a perceber como também me tornei falante da mesma língua.

³ RDC, refere-se a sigla de abreviação do nome de um país africano, neste contexto estamos a nos referir a República Democrática do Congo, país que faz fronteira a norte com a República da Angola.

⁴ No contexto se refere a educação básica.

Passando um tempo depois da minha difícil adaptação, as coisas começaram se tornar caótico, porque começaram a surgir as complicações e implicações da minha tia comigo por ser o único filho dentro de casa. Ela via-me como seu oponente e para ela, eu era impostor de identidade paterna. A esposa do meu irmão do meu pai passou a me bater com frequência sempre que eu regressava do colégio em que eu estudava e o meu tio não tinha noção do que se passava quando ele se ausentava de casa para ir ao trabalho, porque ninguém conseguia contar para sobre os acontecimentos.

Após um tempo ele descobriu tudo que acontecia comigo dentro de casa, daí o tio conversou comigo a respeito das agressões e disse para ele que queria apenas voltar para casa da minha mãe, ele não queria que eu fosse alegando que tudo poderia mudar.

O episódio não mudou e o meu tio aceitou o meu regresso à casa antiga, no município do Cazenga., parecia tudo tranquilo, mas a situação foi quase a mesma, isso no exterior da casa, pois ademais sofria agressões verbais dos rapazes de outras etnias que rotulavam a minha família de Langas, Zairenses. Há um preconceito regional em Angola ou melhor tribalismo cultural, com especificada na sociedade Luandense.

De regresso à casa os amigos que tinha ou havia conseguido mesmo quando era discriminado, porque não era aceite por ser filhos de pais bakongo, era chamado de Langa e outros nomes pejorativos. Esses amigos já não queriam andar comigo e não me permitiam fazer parte do grupo, nem das nossas brincadeiras da época, alegando que eu era mesmo um estrangeiro zairense por viver na Mabor por um curto período de tempo, difamando-me inclusive na escola no clube em jogamos lá futebol.

No início do ano de 2008 minha mãe que vivia separada do meu pai, havia constituído família com outro senhor e moravam com seus dois filhos. Ela em buscar de querer uma outra educação e aproximar comigo, conversou com o meu pai biológico a fim de eu poder viver com ela. O pai aceitou que eu se pode me juntar com minha mãe na sua casa, mas nesta altura eu e a minha não tínhamos muito contato, todo por conta da separação dela com o meu pai. Meu padrasto, o senhor Fernando, que afetivamente prefiro chamar de pai, fez a questão de me matricular em uma outra escola, mas infelizmente nessa escola só tinha 2 estudantes Bakongo, comigo fazia três.

As coisas não estavam nada favoráveis para mim e os meus dois amigos Bakongo, juntos sofreu as mesmas discriminações e preconceitos que os colegas produziam contra nós, e o local onde a escola estava localizado era numa zona em que viviam povos de Malange e Catete os que se intitulavam donos do território angolano. Algumas mães impediam seus filhos de brincarem conosco no recreio escolar alegando que Langa não são pessoas de se misturar, pois

devoram pessoas, intitulavam-nos como feiticeiros. Então, com base nisso, eles nos isolavam do resto da classe com exceção do professor que vinha sempre conversar conosco. Antes do final do ano de 2008 às coisas começaram a tomar outro rumo, porque passei a reproduzir os mesmos comportamentos inadequados aos familiares que viam de outros pontos de Angola e de Luanda principalmente aqueles que eram de bairros habituais maioritariamente por bakongo, e alguns pessoal da (RDC), República Democrática do Congo.

Tratava-os mal e agredia verbalmente familiares e amigos que eram bakongo, e não ficava feliz com a presença dos meus primos e primas em nossa casa, até que no dia 25 de agosto 2008 deixei meu primo, filho da minha tia ser agredido fisicamente de forma violenta pelos meus amigos, por ele ter nascido na província do Uíge e também para provar lealdade aos meus amigos que renegavam a minha de pertencimento bakongo.

Mas no final deste mesmo ano meus pais decidiram que eu tinha que ir estudar na província do Uíge, porque estava a ficar muito agressivo e não estava me preocupando com a escola. Morei no Uíge mais de 2 anos e tive a oportunidade de dar sequência nos estudos, tendo realizados os níveis de 4^a, 5^a, 6^a e 7^a ano do ensino fundamental. A minha estadia naquela cidade da província do Uíge, igualmente foi marcada por muitos obstáculos por causa do ambiente social da cidade, hábitos, costumes e cultura que eram diferentes a de Luanda que eu julgava ser superior às demais culturas do país.

Apesar disso, os meus tios da parte materna me acolheram bem e tinha compaixão por mim, ensinavam-me, sobre os hábitos e costumes culturais ligados à minha identidade étnica e foi a partir das experiências e vivências da minha passagem a aquela província do Uíge que passei a me identificar culturalmente como Mukongo, integrante da etnia bakongo. Assim, a partir deste marco narrativo, as coisas começaram a tomar outro rumo que trouxeram mudanças na minha visão do mundo sobre a importância de valorização da identidade.

O ano de 2010 foi sombrio para mim, pois foi nesta época que tomei o conhecimento do passamento físico do meu pai e nesta altura eu me encontrava a estudar na província do Uíge. Com a perda prematuro do pai, minha vida se tornou um caos, porque já não tinha o meu amigo, herói e protetor e defendia daqueles que me faziam mal. O mais triste neste episódio foram as palavras de apreço que o pai disse para mim, transmitido pelo meu amigo que estava com ele no hospital até o seu último suspiro. O pai dizia: vou morrer sem ver o meu filho, sem ver o sucesso dele, mas dizem para ele que o Papa o amou muito e sempre vou amar. Que ele se forma e consiga dar aquela alegria para sua mãe e meus familiares e seja sempre ele e faça valer o significado do seu nome Ngombo.

O pai evidenciou sobre a cultura Bakongo e disse mormente que o meu filho é Bakongo assim como eu sou e nunca deve temer por ser negado pelos outros por ter essa origem. Quando regresso à Luanda no ano de 2013, me tornei diferente tendo um olhar mais sólido e com uma consciência voltada aos princípios culturais da nossa etnia e passei a me identificar como Bakongo na comunidade, na escola e em todos os lugares que eu fosse, estudei por, mas 3 anos em Luanda e tendo concluído a 9ª classe, fui fazer o ensino médio na província do Bengo. Não tivesse sucesso naquela cidade e tendo estudado apenas o primeiro ano do ensino médio, regresssei novamente para Luanda por onde estudei por mais 2 anos no LICEU 3043, do município do Cazenga mais conhecida por escola grande, onde terminei o ensino médio

No começo do ano 2019 tive a minha primeira experiência no processo de seleção para ser admitido no ensino superior e concorri no curso de psicologia pela universidade pública de Luanda que tinha o ensino voltado para formação de professores nas áreas das ciências sociais e exatas localizada no município do Kilamba no quarteirão B, universidade denominada Instituto Superior de Ciências da Educação Superior de Luanda (ISCED). Mas infelizmente não fui aprovado testes de admissão. Continuei persistente e motivado na esperança de ingressar no ensino superior, em 2020 fui participando em processo seletivo, desta vez foi numa universidade privada cujo nome é Instituto Superior Politécnico do Cazenga e fui admitido no curso de psicologia. Por conseguinte, tendo iniciado os estudos, com o surto da pandemia, as aulas foram suspensas, tendo retomado no final daquele ano e o ano letivo terminou em 2021.

Ressalto que, neste período havia participado no Processo seletivo dos estudantes Internacionais na Universidade da Integração Internacionais da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e tinha sido admitido e já estudávamos a distância, pois não tinha como viajar, pois os aeroportos não estavam liberados para viagens internacionais, condicionado pela Pandemia da Covid19.

De acordo com Berman, descreve que as vivências são um conjunto de experiências complexas coletivas ou individuais, vividas por um indivíduo ou um grupo social que possibilitam o compartilhamento com a sociedade atual moderna de acordo com o tempo e o espaço de vivências (Berman, 1986). concordo com o ponto de vista do autor, porque o nosso projeto é norteado pelos elementos apontados pelo autor, que são as experiências trazidas das memórias do autor.

6.2 Identidade: etnia Bakongo

A identidade é uma característica fundamental de identificação das individualidades do ser humano, que estabelece a diferença entre as várias espécies existentes, que são denotadas no modo de agir, pensar, se relacionar e atender as práticas culturais, religiosas, políticas, econômicas de cada sociedade. A identidade não é resultado da mutação biológica dos seres humanos, mas nasce da relação social que o indivíduo vai estabelecer com outros seres dentro da sociedade dando assim a formação da identidade adquirida ou introjetada socialmente pelas estruturas sociais, possibilitando assim a criação da identidade individual de um ser social com característica própria de identificação.

Segundo Martinazzo (2010, p.33), “[...] a identidade humana é um traço característico de cada ser que permite distinguir um indivíduo de outro, um grupo de outros ou ainda uma civilização de outra”. Por outro lado, podemos perceber que o autor encara a identidade de um ser humano, como um elemento que é marcado pelas diferenças das características próprias dos humanos com seus semelhantes, distinguidos dos valores religiosos, culturais, econômicos e políticos das suas estruturas sociais que possibilitam reconhecer forma própria de cada um, pelo modo como cada um se integra socialmente.

Luena Nascimento Nunes Pereira (2008), descreve que a identidade cultural dos povos bakongo de Angola, baseia-se na forma de identificação e interação dos seus membros dentro das suas ações sociais, norteados nos princípios culturais da ancestralidade. Por exemplo essas formas de identificação da identidade dos bakongo, podem ser denotadas na forma como eles apresentam-se socialmente diferente das identidades de outras culturas de Angola, através dos hábitos, costumes, crenças e também os seus sistemas de organização política.

Na visão de Hall (1987), o indivíduo enquanto um ser estabelecedor das relações sociais com seres de outras espécies, têm possibilidades de obter identidades diferentes em diferentes momentos da vida, pelo fato da aquisição de coerção das identidades das estruturas sociais em que ele faz parte, não atendendo uma unificação única da identidade individual. De acordo com a definição do autor pode se compreender que este processo que leva o indivíduo à troca de identidade em tempos diferentes, tem uma influência significativa pela coerção social que a modernização e globalização exercem sobre as sociedades.

Para Munanga (2009, p.13), a “[...] identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta”

Segundo Hall (2014), as identidades são um conjunto de ações, reações e modificações, de acordo com a historicidade de cada indivíduo, pois estão em constantes transformações (Hall, 2014, p.104). O autor compreende que a identidade de um indivíduo resulta da construção dos elementos históricos que a ele são associados ou atribuídos, em detrimento das modificações ou transformações das suas ações dentro da sociedade.

Segundo Santos (2002), descreve a identidade como múltipla, inacabada, constante processo de reconstrução, enfim, uma identificação em curso. Para este autor o indivíduo é um ser que estabelece relações com seres de diferentes espécies desde os tempos mais antigos da história da humanidade, por esta razão a sua identidade não é um fenômeno elementar fixo ou definida biologicamente é algo que resulta da construção do seu passado que vão ser carregados até os dias atuais dando assim uma possibilidade de reencontro entre o passado e o presente do indivíduo através de um dado contexto social marcados pelo fator linguísticos e culturais de cada povo ou etnia na sociedade. De um modo geral sabe-se que as identidades dos indivíduos grupos sociais são construções que resultam dos processos históricos de interações com os seus semelhantes e não só.

Para Pereira (2008) a identidade do grupo etnolinguístico bakongo de Angola é algo que resultou por conta de um longo processo de persistência de afirmação histórica dentro de uma complexidade contínua de relações sociais na sociedade angolana, principalmente para aqueles que regressaram no país após o término da guerra civil em Angola. A identidade dos indivíduos da etnia Bakongo de Angola, é resultado da construção dos processos históricos complexo, e marcado pela característica que consiste na compreensão do modo como eles apresentam-se socialmente e estão centralizados nos meios culturais, linguísticos, ou pela forma como são caracterizados ou definidos pelas outras etnias vizinhas existentes no território angolano.

Segundo Castells (2010), a identidade é

[...] o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s), qual (ais) prevalece (m) sobre outras de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (Castells, 2010, p. 22).

De acordo com a definição de Castells, podemos aqui trazer um exemplo de como as construções simbólicas têm um significado enorme na construção da identidade dos Bakongo em Angola. Exemplo: para os Bakongo os elementos simbólicos da natureza que representam espíritos da sua ancestralidade são um conjunto de signos significados elementares importantes

para construção e reestruturação da identidade de cada integrante no grupo, esses elementos simbólicos partem das culturas e das relações que são estabelecidas entre as etnias pelo fato de serem um grupo pluricultural.

Segundo Hall (2011), a identidade não é algo simples, mas sim, “[...] algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconsciente, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (Hall, 2011, p. 38). Portanto, o autor descreve que a identidade de um indivíduo não é um fenômeno ou ação natural que o mesmo nasce com ele, mas é um processo de construção que é formado ao longo do tempo, tendo em conta as experiências encontradas dentro das ações compartilhadas de forma coletiva e individuais que estabelecemos nas nossas convivências sociais. Para Martino (2010), a identidade pode ser compreendida a partir de uma perspectiva cognitiva de conhecimento que temos do sobre o mundo social, a partir dos elementos existentes no qual nos vemos nós mesmos e damos sentidos no mundo social.

Deste modo vemos que para os autores a identidade do ser humano não é uma realidade que nasce da natureza biológica do indivíduo, mas é algo construído a partir das relações que o mesmo estabelece ao longo do tempo através da compreensão que ele tem sobre o mundo e as coisas à sua volta.

Segundo o pensador Britânico Kwame Anthony Appiah (1997, p 242-3), a “[...] identidade é uma coalescência de estilos de conduta, hábitos de pensamentos e padrões de avaliação mutuamente correspondentes (ainda que às vezes conflitantes)”. Do ponto de vista do autor, a identidade é algo formado a partir da interação social que o indivíduo estabelece com outros indivíduos que vão dar sustentabilidade e definição na sua identidade, através da união das culturas com formas próprias de se seguir e manifestar-se por meio do modo de vida, hábitos, costumes e pensamentos próprios de cada cultura.

Falando da etnia Bakongo, sabe-se que é um conjunto de povos alargados que se interligam entre si através de alguns elementos simbólicos comum e por terem uma particularidade cultural quase linear. Mas há uma particularidade identitária diferente baseando-se nos seus hábitos, costumes, modo de pensar e de agir, por estas particularidades podemos dizer que a identidade Bakongo é formada através das interações que os seus membros estabelecem com outras povos que têm ou não tem o mesmo estilo de vida.

Deste modo, Candau (2011) traz o conceito de identidade como sendo um processo de construção e transformação contínuo, que são normalmente estabelecidas socialmente através de encontros de experiências com outros povos, e este processo ou círculo da vida só termina

quando o indivíduo neste caso o (sujeito), morre aí termina o seu processo de construção e transformação identitária.

Na visão de Martino (2010), o nome de um indivíduo muitas das vezes tem sido um dos elementos mais altos para o reconhecimento de identificação, portanto a construção da identidade um indivíduo ou etnia tem passado pela associação do seu nome ou do nome de identificação dos seus membros, olhando para os discursos narrativos e elementos simbólicos de identificação, como o lugar de nascimento, local de residência, gostos, o estilo de música e dança entre elementos que servem para se considerarem parte integrante para construção da identidade.

Na cultura Bakongo, especificamente no território angolano onde vamos encontrar o grupo etnolinguístico Bakongo na parte norte e noroeste do território angolano, os nomes dos seus membros foram e até aos dias de hoje tem sido um sinal importante para identificação e reconhecimento do grupo (Pereira, 2008). Partindo dessa ordem de pensamento lógico dos autores, trazemos uma compreensão da identidade do grupo etnolinguístico Bakongo de Angola, que é formada a partir de uma organização e coesão social que o grupo exerce sobre seus membros dentro de uma lógica de sentimentos e valores éticos solidários existente entre os membros do grupo.

Para Bengui (2019) apud Baumann (2004), a identidade é uma convenção socialmente necessária e que é usada com extremo desinteresse no intuito de moldar e dar subsistência a biografias pouco originais. Portanto, um indivíduo pertence a etnia Bakongo tem sempre um elemento simbólico característico que lhe que lhe diferencia de outras etnias ou identifica como parte integrante deste grande grupo, pode representado através do nome que o mesmo carrega, à cultura entre outros elementos simbólicos.

6.3 Contextualização cultural histórica dos Bakongo de Angola

O grupo etnolinguístico Bakongo⁵, derivou da região dos grandes lagos (Centro de África) e estendeu-se até ao sul da África Austral, compreendendo assim os países como: Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, República de Angola, República da Namíbia, etc. (Timbane, 2019, p.11). Segundo Pereira (2008), o grupo Bakongo é a população

⁵ Os bakongo de Angola, são um conjunto de pessoas organizado e estruturado culturalmente do ponto de vista social, que se encontram situados no norte e noroeste do país nas províncias do Uíge, Cabinda e Zaire, que têm a língua kikongo como seu marco identitário dos seus povos.

[...] originária da região norte/noroeste de Angola, ou dela descendente, que fundamenta sua autoidentificação numa relativa unidade cultural baseada, entre outras coisas, na partilha da língua Kikongo e na percepção de uma descendência comum, mais do que numa referência política, ainda que este aspecto subsista principalmente em setores da elite deste grupo (Pereira, 2008, p. 38).

Já os bakongo de Angola são um grupo etnolinguístico que se originaram do povo Bantu, e encontram-se localizados no extremo norte e noroeste do país nas províncias de Cabinda, Uíge e Zaire, sendo o terceiro maior grupo étnico do país, e atualmente encontram-se espalhados em outras províncias do país, o kikongo é a língua cultural e tradicional falada por este grupo étnico antes da chegada do regime colonial português ter imposto em todas suas coloniais a obrigação da fala da língua do colono (Pereira, 2008).

Todavia, o processo de colonização junto com a guerra civil em Angola, trouxeram um despovoamento nas zonas em que os bakongo se encontravam localizados. Portanto, no período da colonização e na época do trabalho esforçado e práticas desumanas em que eram expostos e submetidos os povos africanos pelos seus antigos colonos levou muitos Bakongo a abandonarem o país e exilaram nos países vizinhos no Congo Brazzaville, Congo Kinshasa e também na Zâmbia.

Essa guerra civil no território angolano durou cerca de 27 anos, envolvendo os três movimentos de libertação nacional nomeadamente, Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA), União Nacional para Independência Total de Angola(UNITA) e o Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA), mais tarde terminando apenas com dois movimentos MPLA e UNITA, também levou os bakongo a optarem pela mesma via de exíliamento nos países vizinhos, que o final destes dois períodos eles tiveram grandes dificuldades de enquadramento na sociedade angolana principalmente os que regressaram dos países em que estavam exilados, muitos desses regressados que voltaram para o país a independência ocuparam alguns cargos de destaque no país como administrativos entre outros (Pereira, 2009). De acordo com Pereira (2008, p. 58),

[...] os chamados regressados vieram chegando em diferentes levas. Primeiro, aqueles chegados na altura da independência, formaram um pequeno grupo de algumas centenas. Estes ocuparam os diversos cargos vagos na administração do estado e disputaram das residências do centro da cidade com a saída dos portugueses, acompanhando parte da população que estava na capital.

Estes regressados não eram aceites e muito menos eram considerados parte da sociedade angolana pelas outras etnias encontradas na cidade capital do país Luanda, eram considerados

de impostores, oportunistas, zaienses isso por conta do processo histórico que liga eles com os povos dos dois Congo, como também a sociedade produziu conflitos tribais entre os grupos étnicos do no país, eles tiveram que se adaptar com o espaço e os seus conflitos de poder territorial que enfrentavam.

Para Victor (2021),

Em Luanda os Bakongo são considerados como estrangeiros, ou seja, indivíduos que pertencem a RDC, esse é um problema de confronto que para os Bakongo quando chegam em Luanda percepção equivocada de muitos indivíduos em Angola e particularmente na capital Luanda, dá-se as instituições públicas a partir do nome do nome dos Bakongo que são originário do Bantu com raízes africanas, os Bakongo enfrentam muitas dificuldades na inserção da sociedade Luandense (Victor, 2021, p. 18).

Estou de acordo o autor, porque isso tem sido uma prática corrente dentro da sociedade angolana, quando se trata de inserção ou incorporação dos Bakongo na esfera social do país sobretudo na sociedade Luandense, que reproduzem uma divisão social quando se trata dos Bakongo, uma luta que os Bakongo já vêm enfrentando desde a época colonial, quando eram separados pelo regime colonial Português que predominava em Angola.

Atendendo a representatividade linguístico os bakongo têm como identificação as línguas fio-te e kikongo como vínculo de comunicação identitária para os seus falantes e lhes permite manter a estabilidade comunicativa e o exercício da fala entre os indivíduos. No ponto de vista de Aussure (2006), “a língua é um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotados pelo corpo social para permitir o exercício essa faculdade nos indivíduos” (Aussure, 2006, p.17). Deste modo, compreende-se que a língua é um conjunto de elementos simbólicos que permite a circulação da fala entre os seus falantes, de modo a se estabelecer um conjunto de regras para facilitação da convivência social.

Culturalmente os nomes dos indivíduos bakongo são de caracterização sociocultural e específicas de origem Bantu com significações marcantes de identificação das suas tradições culturais locais, que revelam ou adotam um conjunto de poder hierárquico para quem os carrega. Um indivíduo Bakongo também pode receber várias nomeações que vão lhe identificar ao longo da vida, sendo que entre vários nomes terá dois deles os, mas sonante entre as pessoas ao seu redor, como o nome de identificação tradicional ou o comum conhecido pela sociedade (Pereira, 2008). Exemplificando, um filho(a), ao receber o nome dos avós paterno ou materno vai ser tratado ou receber o mesmo respeito que as suas charas são tratadas pelos seus filhos e os demais membros da família, ser chamado de Paizinho e Mãezinha.

O indivíduo pode receber vários nomes, assumindo outros ao longo de sua vida. O primeiro nome, em kikongo, dado por ocasião do nascimento, é escolhido de acordo com as circunstâncias ligadas ao nascimento ou ao momento em que veio à vida. Em geral, o nome é o começo de um provérbio que faz referência a este acontecimento (exemplos: Lufankenda, Mavakala) (Pereira, 2008, p. 85).

A prática da atividade comercial nos mercados informais ou mesmo nas residências foi por muito tempo um elemento de identificação cultural na sociedade Bakongo, principalmente para aqueles regressaram para o país após o fim da guerra civil, que residiam nos Musseques de Luanda, por não encontrarem facilidade de empregabilidade no país, e essa prática ainda é corrente até os dias de hoje por aqueles que o adotaram como uma fonte de renda para sustentabilidade da família. Segundo Pereira,

o mercado é uma das instituições fundamentais da vida social Kongo. Se originalmente os Bakongo são um povo agricultor, a vasta área centro-africana com o predomínio da savana foi palco de intensas trocas comerciais, de média e longa distância, atingindo também os Bakongo, desde antes do século XIV, quando da emergência do Reino do Kongo (Pereira, 2008, p. 65).

Segundo Arantes (1995, p.38), “[...] cultura é um processo dinâmico; (positiva) ocorre, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua determinação”. De acordo com a definição do autor podemos aqui perceber que ele nos traz uma outra concepção de se pensar acerca da visão que temos em torno da cultura, ele compreende que a cultural é um processo dinâmico e transformador constituído pelos símbolos que dão significados às regras na sociedade dentro dos grupos sociais.

A cultura de um povo é uma marca identitária indelével; todos os povos do mundo estão organizados de maneira que seus membros sejam identificáveis em qualquer momento e essa identidade se espelha na língua como meio de comunicação. Junto a esse aspecto se acrescentam os nomes (Kialanda, et al., 2019, p. 4).

Do ponto de vista do autor, não há no mundo sequer uma sociedade que não esteja organizada culturalmente mesmo aquelas que estão à margem das transformações sociais. Portanto como pode verse o sobrenome Ngombo, é uma marca de identificação da cultura Bakongo derivado da língua kikongo.

A pesquisadora Nunes Pereira, aponta para uma outra característica cultural marcante predominante na sociedade Bakongo de Angola até os dias de hoje, analisando a forma de organização dos grupos para resolução de certos assuntos e problemas que são de ordem moral e cultural como também espirituais, tais como casamento tradicional denominado o alambamento, óbitos e outros tipos de assuntos como de acusações de feitiçarias, que são

resolvidos ao estilo antigo com sentadas tradicionais tal como faziam os seus ancestrais no passado (Pereira, 2008).

Por outro lado, Pereira em (2008), descreve que a organização social das famílias na etnia Bakongo é baseada no princípio da linhagem materna (Kanda)⁶ Ou seja, os filhos ao nascerem eles pertencem a família materna, neste caso os irmãos da mãe que são elevados à categoria de tios dentro da composição familiar Kongo detêm, mas direitos e autoridades sobre os seus sobrinhos/as em relação aos tios da parte paterna.

Atualmente, as estruturas da matrilinearidade têm a função, basicamente, de regular os casamentos dentro do grupo (fora da Kanda), de definir o grupo de herança, bem como de estabelecer a autoridade dentro da família, perdurando o sistema de chefia familiar centrada na figura do tio materno ou tio-avô materno, o membro mais velho da Kanda (nkazi) (Pereira, 2008, p. 78).

Arantes (1995), entende também que a cultura vai além daquilo que é transmitido dentro dos grupos sociais, ele vê a cultura como um sistema que envolve diversos aspectos da vida social, como o conhecimento, experiência, valores, religião língua, arte, moral, e outros elementos que envolve a vida social de um indivíduo.

O pensador africano Congolês Elikia M'Bokolo (2003), descreve que os Bakongo de Angola, se identificaram por muito tempo com a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), partido político que durante muito representou os direitos políticos do grupo, durante a luta de libertação para independência do país contra o regime colonial opressor Português. Como também teve uma pequena participação na guerra civil de Angola. O autor também aponta que depois das primeiras eleições parlamentares no país de 1992, 2008 e 2012, para eleição do partido político que iria dirigir os destinos nação em paz e a FNLA passou a ter uma representação de forma reduzida frente aos Bakongo, isso devesse por conta de outros pequenos grupos que foram surgindo no meio deles.

A globalização é um sistema social que influencia as normas de convivências na sociedade, para Stuart Hall (2011), apontam para globalização, como sendo é um sistema político e social que movimenta modificações de distanciamento que transformam as vidas sociais dos indivíduos ao longo do tempo e no espaço. porém, vesse atualmente que a globalização e o processo de colonização são os responsáveis pela incorporação de outros

⁶ Do ponto de vista de representação cultural na etnia Bakongo (Kanda), é o sistema de representação e ligação entre os indivíduos vivos com o espírito da sua ancestralidade, com aqueles que ainda não foram nascido, mas pressentem ao grupo por conta da linhagem materna, como também a ligação dos indivíduos livres que têm o direito de receber a herança familiar por conta da sua linhagem materna como aponta a pesquisadora Nunes Pereira (2008).

elementos culturais em outras culturas, por meio das trocas de experiências entre as culturas existentes, que de um certo ponto influenciam o andar ou desenrolar das sociedades culturais no mundo através da hibridização cultural.

Assim, as tendências das influências da globalização ao longo do tempo e no espaço sobre as sociedades, têm levado a uma onda de abandono e fuga de representação identitária na sociedade Bakongo, através das transformações que a globalização causa nas culturas e identidades nacionais, este tem sido um dos motivos de preocupação e desafio atual para os pais Bakongo, no que tange no processo de incorporação educativa e preservação dos valores culturais tradicionais. Olhando para representação do processo de organização cultural da etnia Bakongo de Angola, veremos que nela existe uma complexidade cultural por não se tratarem de culturas homogêneas, mas sim de elementos híbridos por terem características culturais assimiladas, (Hall, 2011).

Visto que a globalização, também é um processo de incorporação dos fatores culturais internos e externos, como econômicos e políticos de outras sociedades através das experiências obtidas dela, que permite com que as pessoas possam conectar-se com outras pessoas de outros cantos do globo terrestre. Portanto, este tem sido um dos fatores que tem causado um enfraquecimento das culturas identidades nacionais, principalmente por parte dos, mas Jovens que estão expostos e veneráveis a todo tipo de transformação social que na visão deles seja boa e benéfica para eles.

Pereira (2008), descreve que os jovens Mukongo descendentes de pais Bakongo, têm tido muitas dificuldades no processo de preservação e reconstrução da educação cultural que a eles são transmitidos pelos seus pais sobre as suas ancestralidades históricas, por conta da globalização que tem transformado as suas identidades como também as suas culturais, e leva-os a uma ruptura cultural, perdendo assim os hábitos, costumes, valores e crenças das suas etnias. À medida que estes jovens vão mantendo contato com pessoas de outras culturas ou mesmo com culturas diferentes das suas, acabam sendo influenciados por estas mesmas culturas estrangeiras, achando que são melhores em relação as suas, por este motivo eles acabam por se desligar das culturas e identidades originais verem nelas um sentido de aprovação e aceitação social.

Por conta da globalização, muitos costumes do grupo etnolinguístico Bakongo, sofreram mutações ao longo do e no espaço, em que a globalização ganhava território. Exemplo na cultura Bakongo, era o costumeiro a realização do casamento tradicional exigia a presença dos noivos ou dois tios da noiva no local, mas hoje em dia está pratica e costume vai perdendo força no meio da comunidade Bakongo, por conta da realização do mesmo casamento tradicional a

distância apresentada de forma virtual, sem a presença dos noivos no local os dois tios, algo que anteriormente não acontecia, mas hoje é visto como algo normal.

7 METODOLOGIA

O nosso projeto de pesquisa tem como objetivo principal compreender e analisar as relações existentes nos relatos orais bibliográficos históricos das memórias e vivências de conflitos e afirmação de identidade dos jovens Mukongo⁷ da etnia Bakongo de Angola. Numa análise de um estudo interdisciplinar sobre a cultura e etnicidade, a partir das memórias e vivências históricas do próprio autor que é um integrante do grupo etnolinguístico Bakongo da linhagem banto de Angola, como também analisar os conflitos etno-raciais, tribais existente na sociedade angolana. Sendo assim o nosso projeto de pesquisa propõem-se em estudar a memória redefinida e estruturada dos jovens Bakongo, de acordo com os padrões étnico-culturais do grupo etnolinguístico Bakongo, pela reivindicação da liberdade pela luta e organização das nossas identidades como Angolanos, pertencentes a etnia Bakongo que a nós são negadas pelas outras etnias do país.

De acordo com as características e complexidades que o nosso projeto de pesquisa apresenta, optamos pela utilização da pesquisa qualitativa, porque nos abre porta para uma possibilidade de estudo nesta área de análise metodológica e compreensão do que pretendemos realizar. A pesquisa qualitativa, segundo Creswell (2007), dá ao sujeito pesquisador o direito de assumir o papel principal de conduzir o caminho a ser percorrido para se chegar na realização dos resultados que a pesquisa vai mostrar, porque o sujeito pesquisador estará diretamente envolvido com o assunto e o cenário de pesquisa, onde ele terá como objetivo de fazer um estudo caso, narrativo, bibliográfico e documental.

Pretendemos com a realização da temática do nosso projeto de pesquisa fazer a utilização técnica de revisão bibliográfica, que acreditamos ser o caminho mais viável e importante para nossa pesquisa, visto que poderá nos ajudar na revisão de fontes de materiais didáticos já existentes, como livros, artigos dissertações. Tal como Gil (2008), afirma.

A pesquisa bibliográfica resulta da recolha de materiais científicos já realizados sobre o tema escolhido e que são revisitados por terem a impotência de poderem nos

⁷ Mukongo é a monocultura que é utilizada entre os povos bakongo de Angola, para caracterização ou identificação de um indivíduo que nasceu ou é descendente do grupo etnolinguístico Bakongo.

fornecer dados atuais e relevantes, nela englobam matérias como livros, artigos científicos, teses, dissertações.

Segundo Creswell (2007), entende que a pesquisa qualitativa parte de premissas individuais, formas específicas de compreender o mundo, para entender o significado individual ou gradual que é dado a cada dimensão de problema humano. Portanto partindo deste ponto de vista do autor podemos considerar que a pesquisa qualitativa ela busca trabalhar com o significado do estudo do mundo, como crenças, valores e das atitudes, busca também explicar sobre os fenômenos universais interpretativos das coisas reais não visível encontrados nas relações sociais humanas numa perspectiva das suas intencionalidades de representação.

A metodologia da pesquisa é um passo importante e crucial na realização de toda pesquisa científica, portanto, é necessário, que seja delineada e traçar metas a serem cumpridas para coleta de informações e dados e em seguida, a análise desses dados, interpretação e resultados.

De acordo com Lakatos —o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e em companhia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros - traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista Lakatos (2003, p.83). A pesquisa será realizada em Angola, concretamente na Província de Luanda, através de entrevistas semiestruturadas, utilizando o método qualitativo.

Para Moresi (2003), a pesquisa qualitativa revela áreas de consenso, tanto positivo quanto negativo, nos padrões de respostas. Ela também determina quais ideias geram uma forte reação emocional. Além disso, é especialmente útil em situações que envolvem o desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas ideias. Já na ótica de Strauss e Corbin (2008), na pesquisa qualitativa, a objetividade não significa controlar as variáveis. Ao contrário, significa abertura, disposição para ouvir e "dar voz" aos informantes, sejam eles pessoas ou organizações. Todos esses métodos acima citados constituem caminhos que iremos percorrer para alcançar o nosso objetivo principal. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

O primeiro passo da pesquisa será a leitura de referenciais teóricos, precedido de fichamentos para estudo do tema, em seguida a elaboração de questionários e logo depois realizaremos entrevistas com 5 pessoas adultas e jovens, numa faixa etária de 45-70-17 e 18 anos, do sexo masculino e feminino. A entrevista será semiestruturada, por via de formulário eletrônico, a ser enviado para Angola.

Portanto a importância da escolha da metodologia para trabalhar com ele nesse projeto de pesquisa é um passo fundamental, pois nos permitirá compreender melhor, analisar e identificar a partir das discussões documentais e bibliográficas as motivações que estão na base deste estudo sobre memória e vivência de um jovem Bakongo.

REFERÊNCIAS

- ANGOLA. Constituição da República de. **Luanda: Assembleia Nacional**, 2010.
- ARANTES, Marco Antônio. **O que é a cultura popular**. 1995.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai: África na filosofia da cultura**. Tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- BEMBE, Miguel César Domingos. O terrorismo em África. Breve enquadramento do fenómeno em Angola. **Seminário proferido em**, v. 22, 2010.
- BENGUI, Manuel Paulo. **A língua e a cultura do povo bakongo: do nome ao parentesco na cultura moderna**. São Francisco do conde, Trabalho de Conclusão do Curso, 2019.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDAU, Joel, **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Editora Paz e Terra, 2010.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil: mito fundador. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 19, p. 23-36, 2000.
- COUTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. Saraiva S.A. **livreiros editores**, São Paulo, 2006.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- Elikia, M'Bokolo (2003). **África Negra: História e civilizações**. I, até ao século XVIII. Lisboa: Vulgata.
- GIL. A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUSMÃO, Neusa Maria M. de. Caminhos transversos: território e cidadania negra. In: **ABA. Terras de quilombos**. Rio de Janeiro, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- Hall, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 1987.
- HALL, Stuart: **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Loura – 11. Ed- Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LAKATOS, E. M.; Marconi, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LARA, Camila de Brito Quadros. A Importância da memória para a construção da identidade: o caso da igreja de Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS." **XII Encontro Regional de História**. Coxim-MS (2016).

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. Ed. Campinas/ SP: Editora da Unicamp, 2013.

MARTINAZZO, Celso José. Identidade humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária. **Revista Contexto & Educação**, v. 25, n. 84, p. 31-50, 2010.

Martino, Luís Mauro Sá. "**Em busca de uma identidade**." *Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)* 14 (2010).

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Brasília-DF, Universidade Católica de Brasília UCB, 2003.

MUNANGA, Kabengele, **Negritude: Usos e Sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PAULO BENGUI, Manuel; ANTÓNIO TIMBANE, Alexandre. Os "segredos" socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo: a língua e a cultura em debate. **Revista de Ciências Sociais-Brazil**, v. 50, n. 3, 2019.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os bakongos de angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda**. São Paulo: serviços de comunicação social. FFCL/USP, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social". **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELA, Girlene Lima. **Pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão**. Abordagens teórico-metodológicas. Projeto de Pesquisa no ensino de Letras para o Curso de Formação de Professores da UEFS, 2004.1002, p200-212, 1992.

Rezende da Silva, Simone A Importância da Memória no Processo de Reinvenção da Identidade e Territorialidade Quilombola. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-13 Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=4517> . Acesso em: 23 set. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n, 63, out. 2002, p.237-280.

Schwartz, Yves. "**A experiência é formadora?**" **Educação & Realidade** 35.1 (2010): 35-48, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil.

